

C. PAULA BARROS

MARANDUBA

NARRATIVAS DE HISTÓRIA DO BRASIL



3.ª Edição

374
C 186
Hist.

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO, BRASIL — 1956

C. PAULA BARROS

MARANDUBA

NARRATIVAS DE HISTÓRIA DO BRASIL



3.^a Edição



CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

J.P.M. 374
C 186
Hist.

OBRAS DE C. PAULA BARROS

- Muirakitans* — Poemas do Paraíso Verde — Liv. F. Alves.
Calendário — Poemas e Ilustrações — Traduzido por F. Villaespesa.
Yaraporanga — (2 edições) — Poema-Romance — Traduzido por Gaston Figueira.
Teatro Escolar (2 edições) — Liv. F. Alves.
Versão Brasileira de "O Guarani" de A. Carlos Gomes e Sealvini.
Versão Brasileira de "O Escravo" de A. Carlos Gomes e R. Paravicini (Edições do Ministério da Educação).
Versão Brasileira de "Jupira" de F. Braga e Bruzi.
São Francisco de Assis — Auto Sacro — Representado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.
Marília e Dirceu — Comédia histórica (inédita).
Seiva da Terra — Comédia histórica — Representada no Teatro João Caetano.
O Descobrimento do Brasil — Radiofonização em versos — Representada na Rádio Nacional de Lisboa.
A Bandeira da Esquadra — Radiofonização histórica da Batalha do Riachuelo — Hora do Brasil.
O Grande Duque — Radiofonização histórica na P.R.D.-5 da Prefeitura do Distrito Federal.
Laguna — Poema histórico — 1.^a edição — "A Noite".

PARA ORFEÃO

- O Canto do Pagé* — Música de Heitor Villa Lobos.
Canto do Lavrador — Música de Heitor Villa Lobos.
Heróis do Brasil — Música de Heitor Villa Lobos.
Heranças de Nossa Raça — Música de Heitor Villa Lobos.
Hino Pan Americano — Música de Vieira Brandão.
Canto do Aviador — Música de Vieira Brandão.
Hino do Soldado Nortista — Música de J. Octaviano.

A PUBLICAR

- Lenda de Glórias* — História heróica e sentimental do Brasil.
O Romance de Villa Lobos.

MARANDUBA

"Maranduba" ou "Poranduba" significa na língua dos índios o conjunto de histórias bonitas, que umas gerações contam às outras, sobre as origens da tribo, os seus feitos de valor, os seus atos de heroísmo. Nenhum título seria mais bem escolhido para estas belas narrativas de história pátria, que o escritor Carlos Paula Barros redigiu especialmente para o povo, com admirável naturalidade de linguagem e elevado senso artístico, sem fugir nunca, porém, à verdade dos fatos.

Poeta de fina sensibilidade, jornalista, pintor, romancista de grandes recursos, escritor dramático sempre apreciado, C. Marinho de Paula Barros deu a toda sua extensa e valiosa obra caráter profundamente educativo. Na verdade, e antes de tudo, foi ele uma alma de educador. Consultado sobre a possibilidade de publicação deste trabalho, que tem tido largas edições, na BIBLIOTECA POPULAR da Campanha de Educação de Adultos, para distribuição gratuita aos alunos dos cursos de ensino supletivo, e em que condições, respondeu ele com a sua natural bondade e compreensão cívica: "Imprima o Ministério da Educação tantos milhares de exemplares

C. PAULA BARROS

quantos queira, como quiser e quando quiser . . . Nesse pequeno trabalho, procurei falar ao povo, e éle é do povo. Pois assim não diz o título? . . .”

O Departamento Nacional de Educação, pelo seu Serviço de Educação de Adultos, aqui deixa consignados, mais uma vez os seus vivos agradecimentos ao querido e saudoso escritor, pela cessão graciosa dos direitos autorais deste trabalho, que tem sido sinceramente apreciado por todos quantos adolescentes ou adultos, hajam aprendido a ler nos cursos da Campanha iniciada em 1947.

COMO FOI DESCOBERTO O BRASIL

Antigamente era muito difícil viajar.

As embarcações eram pequenas, e, por qualquer coisa, viravam. Além disso contavam-se histórias pavorosas de sereias, serpentes e dragões encantados, no mar . . .

Mas os portugueses parece que não acreditavam nessas histórias, nem tinham medo do mar.

Puseram-se a viajar por tôda parte e foram até às Índias do Oriente, no outro lado do mundo.

De lá traziam cravo, pimenta, canela, gengibre, sândalo, porcelanas, pérolas e muitas outras mercadorias.

Traziam, também, uns paus de fazer tinta vermelha para tingir panos. Êsses paus eram conhecidos por vários nomes, dentre os quais o de “brasil”.

Foi assim que, certa vez, saiu uma grande esquadra de Portugal para as Índias. Compunha-se de treze navios. Isso foi no dia 9 de março do ano de 1500. Muitos desses navios chamavam-se “caravelas” e eram veleiros. A esquadra levava para mais de 1 300 homens, até frades e padres.

C. PAULA BARROS

O chefe da esquadra era o Capitão-mor Pedro Álvares de Gouvêa que, pouco tempo depois, passou a assinar-se Pedro Álvares Cabral.

A viagem ia correndo às mil maravilhas o que era uma raridade naquele tempo. Mas, não se sabe bem porque, os portugueses se afastaram do tal caminho das Índias. Dizem uns que foi para evitar as calmarias — isto é, falta de vento. Outros afirmam que pensavam descobrir novas terras.

A verdade é que tanto se afastaram, tanto se afastaram que, no dia 21 de abril, viram sinais de terra e logo pela manhã de 22, bem cedo, aves voando sôbre as ondas.

Então tiveram certeza de que estavam próximos a terras desconhecidas. Êsse dia, 22 de abril do ano de 1500, foi uma quarta-feira da Pascoela e quarto minguante.

Ao entardecer viram um monte. Deram-lhe logo o nome de Monte Pascoal lembrando-se de que estavam nessa quarta-feira da temporada da Páscoa. Depois, viajando para o Norte, encontraram um pôrto tão bom que batizaram de Pôrto Seguro.

Desconhecendo, por completo, a terra, pensaram que fôsse uma imensa ilha e, por isso, deram-lhe o nome de Ilha de Vera Cruz. Mas, quando o Rei de Portugal



soube dêsse descobrimento, mudou-lhe o nome para Terra de Santa Cruz.

Porém, como existisse grande quantidade dos tais paus de tingir panos de vermelho, côr de brasa, e conhecidos, também, com o nome de "brasil", passaram a chamar à Terra — Terra do Pau Brasil, Terra do Brasil e, de pouco em pouco, passou a ser sòmente Brasil — a nossa Pátria adorada que é a mãe de todos os brasileiros e pela qual devemos viver e morrer se preciso fôr.

Foi assim que os portugueses descobriram o Brasil no dia 22 de abril de 1500.

O Monte Pascoal e Pôrto Seguro ficam no atual Estado da Bahia.

O PRIMEIRO TRABALHO, A PRIMEIRA MISSA E A PRIMEIRA CARTA

Mas não ficou aí a história bonita da Nossa Terra. No dia seguinte, o Capitão-mor, Pedro Álvares Cabral, mandou arriar uns botes que os portugueses chamavam de batéis e de esquifes e, nesses barquinhos, foram êles ver o que havia na terra que lhes parecia tão formosa e boa.

Ah! Imagine-se o que aconteceu quando deram com os índios semi-nus, com os corpos pintados, trazendo à

cabeça uma espécie de penachos lindíssimos que, por sinal, uns eram verdes e outros amarelos, como se estivesse escrito pelo destino que as côres de nossa Bandeira deveriam ser o verde e o amarelo.

Os índios ficaram admiradíssimos quando os portugueses desembarcaram com roupas e couraças, capacetes de metal, armados com espadas e pesados sabres que chamavam "montantes" e uma espécie de garrucha grande que era o "arcabuz".

Tudo isso, foi um espanto para os índios. Mas não houve nada. Os portugueses, por meio de sinais, deram a entender que eram homens de paz, e os índios receberam todos muito bem.

No dia 26 houve missa num banco de areia e, no dia primeiro de maio, outra, porém já em terra firme.

Para esta segunda missa, os portugueses cortaram uma grande árvore e fizeram uma enorme cruz.

Passou-se então, um fato extraordinário. A cruz era pesada e alta. Vendo os portugueses em dificuldade para erguê-la, os índios correram a ajudá-los, com gentileza e boa vontade.

Êsse foi o primeiro trabalho que portugueses e índios fizeram juntos pela Terra.

C. PAULA BARROS

Disse a missa um frade, Frei Henrique Soares que, por ser da cidade de Coimbra, era mais conhecido por Frei Henrique de Coimbra.

Por ocasião da missa deu-se outro fato deveras interessante. Os indígenas chegaram-se, pé ante pé, a ver que seria aquilo. Um deles, então, apontou para o altar e depois para o céu como a dizer que aquilo era alguma coisa de Deus. Todos ficaram sossegados e, alguns, até se ajoelharam ao lado dos portugueses.

No dia 2 de maio a esquadra de Cabral partiu para as Índias. Uma das caravelas, porém, voltou a Portugal levando cartas ao Rei D. Manoel, contando tôdas essas novidades.

Por uma dessas cartas que ainda hoje existe em Portugal, escrita por Pero Vaz de Caminha, escrivão da Feitoria de Calecut, que para lá seguia, é que se conhecem os principais fatos do descobrimento do Brasil.

Pero Vaz de Caminha contou a El-Rei o que viram de mais importante, porém com muito entusiasmo pela Terra e pela gente.

Essa carta que é interessante e bem escrita é a primeira página da História do Brasil.

MARANDUBA

OS HABITANTES DA TERRA

Quando o Brasil foi descoberto, nêle habitavam centenas de nações indígenas. Essas nações divididas em tribos, viviam em espécie de aldeias que eram as "tabas".

As casas eram de palha e chamavam-se "ocas".

As tribos, chefiadas pelos "tuxauas" e "murubichabas", tinham sempre um "pagé", que era o curandeiro, adivinho e feiticeiro.

Os índios, em geral, andavam nus, mas, para as cerimônias guerreiras ou religiosas, enfeitavam-se de penas.

À cabeça punham o "acangatar", "canitar", ou "co-car", sempre das penas mais vistosas. Usavam ainda braceletes e colares de contas e de dentes.

Empregavam, muito, máscaras horrorosas para algumas danças, como por exemplo a de "iurupari" ou jurupari — uma espécie de demônio.

Tribos havia que acreditavam na existência de um Ser supremo.

Em "Coaraci", o sol, e em "Jaci", a lua, viam entidades divinas.

As suas armas eram o arco e a flecha, o "tacape", a "tangapema" e a "zarabatana" que é um canudo por

onde sopravam pequenas flechas envenenadas — “curabis”.

O curare era o veneno terrível por êles empregado.

Dançavam, cantavam e choravam a propósito de qualquer acontecimento. Respeitavam os laços de família, os velhos e nunca batiam nas crianças. Poupavam os prisioneiros que sabiam cantar ou que tinham boa voz. Adoravam a música. Os seus instrumentos, porém, eram demais primitivos. Flautas de osso ou de taquara a que chamavam “membis”, “trocanos” (tambores), “maracás” — uma espécie de chocalho, “toré” ou “boré” (busina) e um ou outro mais.

As suas louças eram de barro e consistiam em panelas, potes, alguidares, púcaros e grandes “igaçauas” onde metiam os cadáveres para os enterrar. Tribos que desapareceram desenhavam maravilhosamente essas louças que têm sido encontradas, principalmente, na Ilha de Marajó. Por isso é que se diz desenho marajoara, estilo marajoara.

Muitas das coisas, que utilizamos hoje, herdamos dos nossos avós índios. Aprendemos a preparar com êles as farinhas da mandioca, o guaraná, o milho, a macaxeira, o tucupi.

Ensinaram-nos a extrair a borracha e a prepará-la, a construção das jangadas e das canoas inteiriças, o uso das rêdes ou maqueiras, dos cacuris de apanhar peixe, e o emprêgo de vários óleos medicinais, de plantas curativas e aromáticas. O timbó, tão recomendado na indústria de formicida, bem assim o curare, que a medicina está aproveitando em certos tratamentos, são contribuições dos nossos indígenas à civilização. Da língua que falavam empregamos hoje milhares de palavras. Dêles, ainda como um grande bem, herdamos os sentimentos de liberdade.

NOSSO AVÔ CARAMURU E NOSSA AVÓ PARAGUAÇU

Depois de terem descoberto o Brasil, os portugueses foram embora, pois que iam para as Índias, mas deixaram ficar aqui dois sentenciados para que aprendessem a língua dos gentios. Dois marinheiros, encantados pela Terra e pelos índios, fugiram de bordo e também ficaram.

Os portugueses dos navios de Cabral trataram os índios maravilhosamente bem. No entanto, passado algum tempo, outras caravelas que vieram buscar os tais paus de fazer tinta de tingir panos, de volta, levaram índios escravizados para vendê-los adiante.

C. PAULA BARROS

Por causa dêsse procedimento dos portuguezes aconteceu a coisa mais natural: a guerra entre índios e brancos.

Os silvícolas eram terríveis na peleja, e iam a ponto de comer os prisioneiros, não só por vingança como porque a sua religião assim ordenava.

Conta-se que um moço português, Diogo Álvares, certa vez se viu em dificuldade entre os indígenas, que provavelmente o queriam matar. Diogo Álvares, não se sabe como, trazia consigo um arcabuz. O arcabuz, naquele tempo, era uma arma formidável. Era uma espécie de garrucha grande, de cano parecido com uma corneta; carregava pela bôca e levava um bom bocado de tempo para atirar... Era formidável...

Foi, pois, com o arcabuz preparado, que Diogo Álvares esperou que os índios se aproximassem. Ao vê-los perto, o moço teve uma idéia genial — atirou em uma ave que ia voando baixo. A ave rodou no ar e caiu morta sôbre a areia.

Fêz-se então um enorme aranzel! Gritavam todos: Caramuru!... Caramuru!... que muita gente diz que significa homem do fogo, filho do trovão... mas que parece traduzir "moreia" ou "amoreia" (que é o nome de um peixe), conforme ensina o Padre Fernão Car-

MARANDUBA

dim que foi sábio nessas coisas. A verdade é que Caramuru com o tiro de arcabuz, fêz o maior sucesso entre os índios.

Inteligente, vivo, compreendeu que estava com a sorte nas mãos. Casou-se com Paraguaçu que, além de bonita, era filha do tuxaua Taparica, o maior chefe de tôda a redondeza.

Dêsse casal — uma índia e um português — formou-se a primeira família brasileira.

Caramuru, pouco tempo depois, era quem mais mandava naquelas terras. Homem honrado e bom, ganhou a confiança, o respeito e a estima dos índios.

Paraguaçu morreu bastante velha, depois de uma vida de virtudes em que, ao lado de seu espôso, soube ser a mãe bondosa de muitos filhos.

Conta-se que Madalena, a filha mais velha, foi a primeira mulher que no Brasil aprendeu a ler e a primeira voz que se levantou contra a escravidão. A igreja de N. S. da Graça, na Bahia, foi construída por êsse respeitável casal.

O HOMEM LIVRE DA AMÉRICA

Como os índios sempre vivessem em lutas, guerreando-se, foi fácil aos portuguezes dominá-los, para que trabalhassem na lavoura. A maioria, no entanto, não suportava a escravidão.

C. PAULA BARROS

Os padres jesuítas tornaram-se logo os seus maiores amigos e defensores. Aprenderam a língua que os índios falavam e, com isso, iniciaram a catequese, tornando-os mansos e cristãos. Criaram colégios para os meninos e, entre outras coisas, lhes ensinaram a música de que tanto gostavam. Fizeram mais, chegaram a montar teatros e os índios aprenderam a representar.

Mas os portugueses, sempre que podiam, escravizavam os pobres filhos das selvas.

Os índios que haviam nascido livres, que eram filhos da América, também livre, reagiam corajosamente. Grandes levas morriam nos terreiros, outras embrenhavam-se pelos matos, preferindo tôda sorte de desgraças a ficar no cativeiro! . . .

Na Amazônia há uma história bonita de um índio altivo e nobre. Chamava-se Aiuricaua ou, como se diz hoje, Ajuricaba.

Depois de uma luta tremenda em que à frente dos Manaus e de várias outras tribos procurava defender a sua Terra querida, Ajuricaba caiu prisioneiro dos portugueses. Meteram-no a ferros, e mandaram-no algemado para Belém. Na viagem, mesmo assim acorrentado, o herói indomável revoltou-se contra a prisão. Vendo porém que seria impossível vencer, atirou-se algemado às



águas do Amazonas, preferindo essa gloriosa morte às humilhações de ser escravo.

Ajuricaba é o símbolo do homem livre da América.

O HOMEM DA ÁFRICA

Visto que os índios não se submetiam, por nada, à escravidão, os portugueses foram buscar escravos na África. Os navios que transportavam os negros chamavam-se "navios negreiros".

Castro Alves, um grande poeta, escreveu muitos versos contra a escravidão. Entre os versos mais bonitos estão os de "Navio Negreiro".

Carlos Gomes, nosso extraordinário músico, escreveu também uma ópera — "O Escravo".

Dos homens de raça negra herdamos muitas coisas que fazem parte hoje de nossa civilização. Eles ajudaram, com o seu trabalho e sacrifícios, a construir, principalmente, a parte econômica de nossa Pátria.

Seus descendentes são hoje bons brasileiros e muitos têm alcançado altas posições nas ciências e nas artes.

BRASIL COLONIAL

Nos primeiros tempos o Brasil era colônia de Portugal. Isto quer dizer que Portugal governava o Brasil. Por essa ocasião nosso País foi muito atacado por aven-

tureiros e piratas, na maioria franceses. Êsses aventureiros vinham buscar pau-brasil e aproveitavam para intrigar os índios contra os portugueses.

Por causa disso, em 1530 o Governo de Portugal mandou uma esquadilha defender a costa, explorar comercialmente a Terra e colonizá-la.

Colonizar é povoar organizando governos, ensinando costumes, língua e religião, principalmente.

O chefe dessa esquadilha foi Martim Afonso de Souza. Nessa época, já andava por aqui João Ramalho, também português que logo se casou com Bartira, filha do grande tuxaua Tibiriçá. Por isso, quando Martim Afonso de Souza chegou, teve o auxílio de João Ramalho e de Tibiriçá. Então fundou a primeira povoação que foi São Vicente, nas terras do atual Estado de São Paulo.

Tibiriçá gostou muito de Martim Afonso de Souza. Gostou tanto que passou a se chamar Martim Afonso. O mesmo aconteceu com outro chefe do Espírito Santo que também passou a se chamar Martim Afonso. Êsse chefe foi Ararigboia. E como Martim Afonso ainda teve um sobrinho Martim Afonso, ficaram sendo quatro com êsse nome em nossa História.

CAPITANIAS

Em 1534, o Rei de Portugal achou melhor dividir o Brasil em 12 capitanias. As capitanias eram uma espécie dos Estados atuais, com a diferença de terem um donatário, isto é, um governador das terras e senhor de toda a gente, com muitas vantagens e poderes.

Apesar disso, a maioria dos donatários não quis saber das suas capitanias nem por aqui apareceu.

Dêsse modo, só duas capitanias prosperaram: São Vicente e Pernambuco.

GOVÉRNO GERAL

Não tendo dado resultado a divisão do Brasil em capitanias, El-Rei mandou um Governador Geral para que defendesse e cuidasse de todo o território brasileiro. Esse primeiro Governador Geral foi Tomé de Souza, homem valente e honrado que já havia andado em muitas guérras.

Tomé de Souza chegou em 1549 com cerca de 600 soldados, 400 presos, outras autoridades, pagens e criados.

Com êles também vieram seis padres jesuítas dirigidos pelo Padre Manoel da Nóbrega. Esses foram os primeiros padres que chegaram ao Brasil, e que se tornaram logo os maiores defensores e amigos dos índios.

O Padre Manoel da Nóbrega fêz grandes obras em proveito da civilização. Tomé de Souza fundou a cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia, fortificou a costa, mandou vir das ilhas do Cabo Verde o gado para a criação e desenvolveu a lavoura.

O segundo Governador Geral foi Duarte da Costa.

Em seu govêrno chegou ao Brasil o célebre Padre José de Anchieta, considerado o apóstolo da América.

Anchieta, além de poeta e professor, foi um santo e um herói.

Certa vez os índios Tamoios reuniram tôdas as suas tribos para atacar os portugueses. Estes, quando souberam do grande perigo que os ameaçava, enviaram os padres Manoel da Nóbrega e Anchieta ao acampamento dos Tamoios, num lugar chamado Iperoig, a ver se conseguiam a paz.

Depois de lá chegarem os dois sacerdotes, teve de voltar o Padre Nóbrega para se entender com os portugueses. O Padre Anchieta ficou sozinho como refém, isto é, uma espécie de prisioneiro de guerra.

Quando o Padre Nóbrega voltou novamente, três meses depois, encontrou os índios todos mansos, ao lado de Anchieta. Então, com muita alegria, fêz-se a paz honrosa para todos.

A reunião dessas tribos de Tamoios é que se chama "Confederação dos Tamoios".

Anchieta foi uma das figuras mais importantes nos primeiros tempos de São Paulo e na fundação do Rio de Janeiro. Levantou o hospital da Santa Casa da Misericórdia no Rio de Janeiro, criou o teatro no Brasil, escreveu muitas obras de valor e, mais do que isso, deixou grande exemplo de coragem, de honra e de disciplina que deve ser imitado por todos os brasileiros.

No govêrno de Duarte da Costa os jesuítas, tendo à frente o Padre Manoel da Nóbrega, fundaram a cidade de São Paulo, em 25 de janeiro de 1554.

O terceiro Governador Geral foi Mem de Sá.

No seu govêrno, Estácio de Sá, seu sobrinho, fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, junto ao Pão de Açúcar, em 1.º de março de 1565. Os franceses nessa época estavam fortificados no interior da Baía da Guanabara. Em 20 de janeiro de 1567, Mem de Sá derrotou os franceses fortificados na ilha de Serigipe, que é a atual Villegagnon, e na praia de Uruçumirim, a atual Praia do Flamengo, e expulsou-os da Guanabara.

O Padre Anchieta assistiu a essa grande batalha, e Ararigboia, que já se chamava Martim Afonso, à frente de seus índios, cobriu-se de glórias ao lado dos portu-

guêses. Recebeu por sua bravura uma condecoração além de muitas terras na Praia Grande, em Niterói.

Estácio de Sá, ferido no rosto por uma flecha, faleceu um mês depois, estando o seu túmulo na igreja de São Sebastião, do Rio de Janeiro.

Expulsos da Guanabara, os franceses atacaram e conquistaram o Maranhão, tendo fundado São Luís, em 1612. Em 1615, foram expulsos do Brasil.

Foi nesse ano de 1615 que os portuguêses resolveram conquistar a Amazônia (Pará e Amazonas). Em janeiro de 1616, fundaram a cidade de Santa Maria de Belém, capital do Pará.

Os franceses não se esqueciam do Brasil e tinham uma vontade imensa de conquistá-lo. Em 1710 e 1711, portanto quase um século depois de serem expulsos do Maranhão, atacaram novamente o Rio de Janeiro, causando mortes e prejuízos. O povo carioca enfrentou-os. Deram-se verdadeiras batalhas que terminaram com os franceses expulsos para sempre de nossa Terra.

Em 1621, o Govêrno Português dividiu o Brasil em dois governos independentes, o Estado do Brasil com a capital em Salvador, e o Estado do Maranhão, compreendendo o Maranhão, o Ceará, e o Grão Pará, com a capital em São Luís. Essa divisão durou até 1775.

C. PAULA BARROS

Em todo o período colonial, o Brasil teve 34 Governadores Gerais, 8 Vice-Reis com sede na Bahia e 8 com sede no Rio de Janeiro.

BANDEIRANTES

Descoberto o Brasil, começou o comércio de ibirapitanga ou pau-brasil.

Depois, fizeram-se engenhos de açúcar e passou-se a vender açúcar também. Depois, começou-se a criação, plantou-se o algodão e o fumo, prepararam-se as peles e cortaram-se as madeiras. E assim, aos poucos, desenvolveu-se o comércio.

Os portugueses, porém, queriam descobrir minas de ouro e de prata: tentaram igualmente descobrir pedras preciosas e diamantes. Eles, no entanto, eram poucos e sentiam falta de braços, principalmente para a lavoura. Daí resolveram agarrar os índios à força e escravizá-los ao trabalho. Para isso, de tempos a tempos, reuniram-se os bandeirantes para invadir o sertão. Esses bandeirantes eram homens de muita coragem que tudo enfrentavam. Para eles não havia medo neste mundo. Chamavam-se bandeirantes porque formavam a "Bandeira". Bandeira, portanto, era a reunião dessa gente. É palavra muito antiga que significava, em Portugal, uma espécie de tropa militar do interior.



A essas viagens, com que invadiam o sertão, chamavam de "entradas", quando eram organizadas pelo Governo. A princípio, as bandeiras eram para escravizar os índios. Corria uma sangueira. As malocas eram atacadas sem dó nem piedade. Os que resistiam eram mortos e os demais acorrentados e reduzidos ao cativoiro.

Os portugueses começaram a fazer essas entradas e bandeiras, mas depois os brasileiros também as fizeram, principalmente os paulistas.

Os chefes mais importantes foram Antônio Rapôso Tavares, Bartolomeu Bueno da Silva, Fernão Dias Paes Leme, Borba Gato, Domingos Jorge Velho, Antônio Rodrigues de Arzão, Antônio Dias de Oliveira.

Conta-se que esse Bartolomeu Bueno da Silva, certa vez, dominou os índios ameaçando-os de incendiar os rios e os lagos, matando-os todos a sêde, se não o deixassem passar. Para isso fingiu apanhar água no rio. Essa água era álcool ao qual ateou fogo apavorando os índios que o deixaram seguir em paz. Bartolomeu Bueno ficou por isso conhecido como o "Anhanguera", que quer dizer assombração, demônio, visagem.

Esses bandeirantes, percorrendo o sertão, conquistaram muitas terras. Essas terras foram reconhecidas como pertencendo ao Brasil devido aos grandes esforços

de um célebre paulista chamado Alexandre de Gusmão, em 1750, no tratado entre a Espanha e Portugal.

A GUERRA HOLANDESA

Os holandeses também pretenderam tomar o Brasil. Para isso resolveram atacá-lo com poderosa esquadra de 26 navios, 1 600 homens de guarnição e 1 700 soldados.

Primeiro atacaram a cidade do Salvador que, numa noite, apanhada de surpresa, não pôde resistir. O seu Governador, porém, e o Bispo enfrentaram, com imensa coragem o inimigo.

Foi assim que começou a Guerra Holandesa. Ela durou de 1624 a 1654, portanto, 30 anos de lutas.

Mais tarde os holandeses desembarcaram em Pernambuco. Para defender o Brasil Matias de Albuquerque, que era o governador dessa capitania, reuniu um pequeno exército e atacou, corajosamente, o invasor. Mas os holandeses estavam muito mais bem armados e municados e, por isso, conseguiram dominar Olinda e Recife.

Os brasileiros, no entanto, nunca desanimaram e, confiantes na vitória, não davam descanso aos inimigos.

Nessa guerra apareceram muitos heróis, entre eles, Poti, chefe índio que depois passou a se chamar D. An-

tônio Felipe Camarão, um chefe prêto de nome Henrique Dias, um português, João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros, brasileiro da Paraíba.

Os holandeses, algum tempo depois, mandaram um príncipe governar Pernambuco. Esse príncipe foi Maurício de Nassau, homem inteligente e amigo do progresso.

Os brasileiros, porém, só pensavam em libertar a sua Terra e, nessa idéia, lutavam noite e dia para alcançar a vitória.

Durante muito tempo resistiram desesperadamente num reduto chamado Arraial de Bom Jesus. Aí, homens, mulheres e crianças combateram até o último cartucho, despertando o respeito e a admiração dos holandeses.

Uma vez o Príncipe de Nassau, alarmado com a bravura dos brasileiros, mandou um dos seus melhores generais contra eles. Depois de muitas horas de combate, Poti, o índio que se chamou mais tarde D. Antônio Felipe Camarão, derrotou por completo o general holandês.

Tôdas as vezes que D. Antônio entrava em batalha com seus índios era acompanhado de sua esposa, D. Clara Felipe Camarão que, a seu lado, lutava herôicamente como qualquer soldado.

Em reconhecimento à extraordinária bravura de Poti, o Rei de Portugal concedeu-lhe grandes honras e o título de dom. Por isso é que passou a ser D. Antônio Felipe Camarão — que, a nosso ver, é o maior índio das Américas.

Henrique Dias foi ferido seis vezes e perdeu o braço esquerdo em uma batalha. Como, no entanto, era valente e amava apaixonadamente o Brasil, no momento em que lhe cortavam o braço disse que com o outro ficaria ainda com bastante fôrça para defender o seu Deus e o seu Rei.

Os holandeses chegaram a dominar até o Maranhão e Sergipe, mas nós os brasileiros os expulsamos para sempre de nossa Terra.

No dia 19 de abril de 1648, os brasileiros, comandados pelo bravo General Francisco Barreto de Menezes, derrotaram os holandeses na primeira batalha dos Guararapes (junto aos montes Guararapes), em Pernambuco. Em 19 de fevereiro do ano seguinte, Barreto de Menezes novamente derrotou os holandeses que, em 1654, assinaram a capitulação na Campina do Taborda.

Foi nessa guerra holandesa que herôicamente se formou o Exército Nacional. O seu batismo de fogo foi coroado dos mais gloriosos triunfos que devemos orgulhosamente lembrar.

Guarda, em tua memória os nomes de André Vidal de Negreiros, D. Antônio Felipe Camarão, Henrique Dias, Fernandes Vieira, Barreto de Menezes, Luís Barbalho e dessa indomável mulher que se chamou D. Clara Felipe Camarão. Lembra-te que nas batalhas dos Guararapes e no Arraial do Bom Jesus, com o sacrifício de sangue dos nossos avós, organizou-se o Exército de nossa Pátria, Exército que até hoje nunca foi vencido, e jamais combateu em guerras injustas.

D. JOÃO VI E O BRASIL REINO

A França atacou Portugal em fins de 1807. Nessa época estava no poder o Príncipe D. João governando em nome da Rainha D. Maria I (D. Maria Primeira), que se encontrava doente da cabeça.

Portugal tinha sido uma nação muito poderosa no mar, porém, não possuía um exército para resistir à invasão dos franceses. Então, foi um "deus nos acuda", um "corre corre" . . .

Para salvar o trono, D. João fez o mesmo que fizeram em 1939 alguns governos que se abrigaram na Inglaterra para de lá combater o nazismo.

D. João embarcou, acompanhado de toda a corte, para o Brasil, pensando daqui fazer guerra à França, conforme declarou e foi o que aconteceu.

Antes da vinda de D. João, nos portos brasileiros só entravam navios portugueses para comerciar. Logo que o Príncipe chegou ao Brasil, deu ordem para que entrassem os navios de todas as nações amigas de Portugal. Essa ordem é conhecida como "Abertura dos Portos" e foi dada no dia 28 de janeiro de 1808, por uma "carta régia". As cartas régias eram uma espécie dos decretos ou leis de hoje. Essa abertura dos portos trouxe muitos benefícios ao Brasil.

Como Portugal estivesse em guerra com a França, as tropas brasileiras do Pará investiram contra a Guiana Francesa, e, depois de alguns combates, tomaram, brilhantemente, a cidade de Caiena que era a principal cidade e a capital dessa colônia.

Quando a Rainha D. Maria I morreu, D. João foi coroado Rei de Portugal, do Brasil e do Algarve. Algarve era uma província, isto é, certa parte de Portugal, que tinha a denominação de reino. D. João foi coroado com o nome de D. João VI (D. João Sexto). Ele foi um rei sobretudo bondoso e prudente, que ouvia muito os seus ministros e, por isso, realizou grandes obras no Brasil.

Fundou escolas, construiu arsenais, organizou a Biblioteca Nacional, plantou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, montou fábricas e a Imprensa Nacional e pro-

curou desenvolver o País mandando até vir uma importante missão francesa de artistas para instruir os brasileiros.

Em 1815 o Brasil foi elevado à categoria de reino unido aos reinos de Portugal e Algarve.

Em 1810 o Brasil foi obrigado, para defender-se, a invadir o Uruguai. Nessa guerra o Exército ganhou grandes combates e saiu vitorioso. Os seus principais chefes, nessa campanha, foram os generais Carlos Frederico Lecor — que foi depois Visconde da Laguna, o general Xavier Curado, o General Mena Barreto e o Conde da Figueira. Essa campanha foi de 1810 a 1812 e depois de 1817 a 1821.

Em 1820, D. João VI, por questões políticas, foi obrigado a voltar a Portugal, tendo deixado para governar o Brasil o Príncipe D. Pedro, seu filho mais velho, casado com uma ilustre princesa — D. Leopoldina.

D. João VI foi casado com a Princesa D. Carlota Joaquina que, por sinal, tinha horror ao Brasil e aos brasileiros.

IDÉIAS DE INDEPENDÊNCIA E DE LIBERDADE

O Brasil não haveria de ser tóda a vida colônia de Portugal, é claro.

Muitos brasileiros sonhavam com a Independência, isto é, ser o Brasil governado pelos brasileiros somente e, constituir, no mundo, uma nação soberana.

Por isso, no tempo de “Colônia”, houve algumas revoltas contra o govêrno de Portugal.

Os principais chefes dêsses movimentos, nos primeiros tempos, foram Manoel Beckman, no Maranhão, e Felipe dos Santos Freire, em Minas Gerais.

Depois houve uma revolta dos paulistas contra os portugueses que, aos poucos, queriam tomar as minas de ouro que os bandeirantes de S. Paulo haviam descoberto com grandes sacrifícios. Essa revolta é conhecida como Guerra dos Emboabas.

Em Pernambuco, também, houve outra revolta chamada “Guerra dos Mascates”. Mascates era o apelido que davam aos portugueses ricos à custa do trabalho dos brasileiros.

Antes dessas revoltas, quando os holandeses atacaram o Brasil, muitos pretos, aproveitando a invasão de Pernambuco, fugiram das fazendas e foram esconder-se na serra da Barriga, em Alagoas, formando aldeias que se chamavam “Quilombos”.

Algum tempo depois, a quantidade de pretos era tão grande que metia mêdo aos senhores de engenhos e

fazendeiros. A serra da Barriga passou a ser uma espécie de reduto fortificado. O lugar principal dêsse reduto era conhecido por Palmares. Os pretos tinham aí o seu chefe que chamavam de Zâmbi, e viviam vida feliz de liberdade.

Como ficassem cada vez mais fortes, os senhores de engenhos e fazendeiros resolveram atacar o reduto de Palmares para agarrar os negros, a fôrça, e metê-los, de novo, no trabalho e na escravidão.

Essa luta durou dez anos. Os pretos, acostumados à liberdade, lutavam com extraordinária bravura para não cair, novamente, no cativeiro. Até as mulheres e as crianças lutavam como heróis.

Por fim, Domingos Jorge Velho, com sete mil homens e mais as tropas de Vieira de Melo, armadas até com canhões, conseguiu penetrar no reduto.

Conta-se que o Zâmbi, para não cair prisioneiro, reuniu os seus chefes e atirou-se, com êles, ao fundo de uma cachoeira.

Quando os seus inimigos entraram em Palmares não encontraram mais ninguém.

É assim que, desde os primeiros tempos, os brasileiros têm lutado: ou vencem ou desaparecem!

Mas essa idéia de liberdade vivia no coração do povo. Assim é que, em 1789, na Cidade de Vila Rica, hoje Ouro Prêto, um grupo de homens, verdadeiros patriotas, resolveu libertar o Brasil de Portugal.

Êles se escondiam para combinar êsse movimento.

O chefe era um alferes de cavalaria de nome Joaquim José da Silva Xavier, militar valente e cidadão virtuoso. Como fôsse também dentista, era conhecido por Tiradentes.

Entre êsses abnegados brasileiros havia muitos de altas posições: militares, padres, escritores, poetas, e até mulheres como Bárbara Heliadora, que ficou célebre.

Um dia, porém, foram denunciados por um português.

Agarrados e metidos em prisões sofreram muito. O poeta Cláudio Manoel da Costa apareceu enforcado nas grades do calabouço. Todos foram julgados, e Tiradentes condenado à morte. Os outros, foram desterrados para a África e por lá morreram sofrendo a dor da separação dos seus entes queridos e a saudade da Pátria.

O martírio de Tiradentes passou-se no Rio de Janeiro. Êle subiu à fôrça como um grande herói. Depois de enforcado o corpo foi esquartejado e a cabeça mandada para Ouro Prêto, onde estêve espetada num poste.

C. PAULA BARROS

Mas de nada valeu o castigo porque a idéia de liberdade continuou na alma dos brasileiros.

Essa história bonita e heróica de nossa Terra chama-se "Inconfidência Mineira".

Inconfidência quer dizer infidelidade, falsidade para com o Príncipe, para com o Governo português, enfim. Mas os inconfidentes não eram infiéis à sua Terra.

Tanto assim que esses fatos não haveriam de meter medo aos que amavam o Brasil. Por isso, em 1817, houve outra revolução em Pernambuco, para fazer a Independência, com um governo republicano.

Essa revolução também não conseguiu triunfar e os chefes foram enforcados e arcabuzados. Entre esses, não devemos esquecer os nomes de Domingos José Martins, do Capitão José de Barros Lima, chamado o Leão Coroado, do Capitão Domingos Teotônio Jorge, do Padre Miguelinho, Padre Roma, Padre João Ribeiro, todos mártires que morreram com grande coragem por amor à liberdade da Pátria.

Mas um dia chegou, por fim, a hora bendita da *Independência!*



A INDEPENDÊNCIA E O PRIMEIRO REINADO

Vamos contar como aconteceu êsse fato que é o mais importante de tôda a História do Brasil.

D. João VI tinha deixado o nosso País e voltado para Portugal, conforme já foi dito.

Aqui deixou seu filho, o Príncipe D. Pedro, governando em nome de Portugal. D. Pedro era muito moço quando começou a governar o Brasil; tinha somente vinte e dois anos, mas apesar de tão moço, mostrou-se um grande príncipe.

Além de guapo rapaz, bem apessoado, valente e destemido, montava admiravelmente a cavalo, e era um músico de valor. Êle aprendeu com o grande Padre José Maurício, glória de nossa música. Tocava quatro instrumentos, conhecia bem composição e escrevia música para a orquestra da capela Imperial que, uma vez por outra, gostava de reger.

Logo que D. Pedro passou a governar o Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva, que era ministro, começou a convencer o Príncipe que deveria fazer a Independência.

Quando souberam em Portugal que os brasileiros queriam a liberdade, foi um verdadeiro choque. Então

o Governo português mandou ordem ao Príncipe para que embarcasse logo para Portugal.

No dia 9 de janeiro de 1822 foi uma comissão, em nome do povo, pedir a D. Pedro que não voltasse, que ficasse com os brasileiros.

Dêsse encontro ficou a tradição de que D. Pedro, muito entusiasmado, respondeu a José Clemente Pereira, que era o Presidente do Senado da Câmara: — “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação — estou pronto — diga ao povo que fico”. Êsse dia 9 de janeiro, é conhecido como o “Dia do Fico”.

Mais tarde, em 7 de setembro de 1822, estando D. Pedro em S. Paulo, de volta de uma excursão, perto do riacho Ipiranga, encontrou um portador que lhe entregou cartas e documentos.

D. Pedro pôs-se a ler as cartas. Entre essas estavam as de José Bonifácio e as da Princesa D. Leopoldina, sua mulher, que aconselhavam o Príncipe que fizesse a Independência. D. Pedro ficou pensativo. Quando, porém, leu a nova ordem para que voltasse, de qualquer maneira, a Portugal, D. Pedro que era um homem altivo, arrancou do uniforme as côres portuguesas, desembainhou a espada e gritou, entusiasmado, aos oficiais e soldados de sua escolta: “Independência ou Morte! . . .” Ai ouviu-se o

galopar formidável da escolta. E todos de espadas reluzindo ao sol, responderam como se estivessem no ardor de uma grande batalha — “Independência ou Morte”.

Êsse grito maravilhoso chamado “Grito do Ipiranga” (por ter sido à margem do riacho Ipiranga) levantou o Brasil inteiro como se fôsse um toque de guerra e a nossa Pátria passou a ser um Império, nação independente e soberana.

D. Pedro foi coroado Imperador com o nome de Dom Pedro Primeiro, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Foi êle quem fêz a música do Hino da Independência, e Evaristo da Veiga, a letra, assim como foi José Bonifácio quem escolheu as côres — verde e amarelo — para a nossa Bandeira.

Bem! Mas não ficou aí a história maravilhosa da nossa Independência.

Os portugueses não se quiseram conformar com isso e abriram uma terrível luta.

D. Pedro organizou rapidamente um pequeno exército e uma esquadra de soldados e marinheiros capazes de vencer ou morrer, cheios de extraordinária bravura e, com êles, atacou, corajosamente, os portugueses.

Na Bahia deu-se a luta mais sangrenta e feroz: os brasileiros saíram vitoriosos como teria de ser, a qualquer preço, pois que não iriam mais obedecer a Portugal.

Nessa guerra, chamada “Guerra da Independência”, deram-se dois fatos importantes:

Um foi o caso da Freira Joana Angélica, morta a baioneta, defendendo o seu convento dos soldados portugueses que o queriam invadir. O outro foi o de Maria Quitéria de Jesus Medeiros que fugiu de casa com roupas de homem e assentou praça num regimento.

Depois de entrar em vários combates e lutar como qualquer soldado valente, descobriram que era uma digna môça. Aí, o Imperador, que apreciava muito êsses fatos heróicos, condecorou-a e permitiu que ela continuasse a usar o seu uniforme, apenas com um saiote sobre as calças.

Maria Quitéria sempre se fêz respeitar por todos os soldados, e seu nome ficou na História como um exemplo da mulher corajosa e honrada do Brasil.

A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Em 1824, no Govêrno de D. Pedro I, houve uma revolução para se fazer a República.

Essa revolução de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, chama-se a “Confederação do Equador”.

Começou em Pernambuco. Não tendo triunfado, seus principais chefes foram enforcados e fuzilados. Entre os mais corajosos morreu Frei Caneca (Frei Joaquim do Amor Divino Caneca), arcabuzado por não haver quem se prestasse a enforcá-lo.

A CISPLATINA

Em 1828, o Uruguai que, nesse tempo, se chamava Província Cisplatina e fazia parte do Brasil, separou-se para constituir uma nação a parte, independente, visto que era outro povo, falando outra língua e com outros costumes. Era gente diferente da nossa e, naturalmente, haveria de separar-se mais dia menos dia.

O SETE DE ABRIL

Em 7 de abril de 1831, D. Pedro I, por questões políticas, abdicou em favor de seu filho. "Abdicou" quer dizer desistiu de ser imperador para que subisse ao trono seu filho, que era o Príncipe D. Pedro. E assim terminou o Primeiro Reinado, no Império do Brasil, nesse dia 7 de abril de 1831.

A REGÊNCIA

Depois dêse ato da abdicção D. Pedro I teve que partir para a Europa. E teve que deixar o Príncipe, seu filho, apenas com cinco anos de idade. D. Pedro era um

pai extremoso. Entre lágrimas, entregou o menino aos cuidados de José Bonifácio que prometeu dedicar-se a êle como "seu filho e seu imperador". Mas o Príncipe era uma criança e não poderia dirigir o Brasil. Então nomeou-se uma comissão de três membros para governá-lo em seu nome.

Além dêses três homens que eram os Regentes, formavam o Governo, o Congresso, composto de Câmara e Senado, com senadores e deputados eleitos pelo povo, e os Tribunais de Justiça. Mais tarde, em vez de três membros, foi eleito um só regente, o Padre Diogo Antônio Feijó, e, depois, o Marquês de Olinda (Pedro de Araujo Lima).

O Padre Feijó foi figura importantíssima nesse período da nossa História. Êsse período chama-se da Regência.

A GUERRA DOS FARRAPOS

Nessa época da Regência deram-se muitas revoltas em vários lugares do País. A mais importante foi a que se chama de Guerra dos Farrapos que principiou em 1835 no Rio Grande do Sul. Os revoltosos queriam fazer a República. Os seus chefes principais foram Bento Gonçalves, Onofre Pires, David Canabarro, Bento Manoel, Giusepe Garibaldi. Essa revolução durou 10 anos. Foi

C. PAULA BARROS

por essa época que apareceu Anita Garibaldi, brasileira, que se casou com Garibaldi e com êle entrou em todos os combates. Garibaldi tornou-se depois famoso na sua Pátria, a Itália. O Duque de Caxias, foi quem conseguiu pacificar o Rio Grande do Sul.

Êsse foi um dos maiores trabalhos do grande Duque de Caxias, patrono do nosso Exército, em que êle mostrou tôda a nobreza de sua alma generosa, e de patriota.

O SEGUNDO REINADO

Foi ainda no período da Regência que, devido a tantas dificuldades, muitos brasileiros desejaram que o Príncipe D. Pedro começasse a governar. Êle porém tinha sòmente quinze anos, era de menor idade. Que se haveria de fazer? Para resolver o caso, senadores e deputados combinaram declarar a maioria do Príncipe D. Pedro, pois que assim poderia logo dirigir a Nação. Então foram saber com êle quando queria que o Congresso o declarasse de maioria.

D. Pedro que, apesar de rapaz, já estava preparado para o Govêrno, respondeu entusiasmado: "Quero já!"

Os Congressistas, que eram representantes do povo, reuniram-se e declararam que o Príncipe D. Pedro passava a ser de maior idade. Tudo isso foi em 1840. D.



Pedro principiou a governar o Brasil com o título de D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. D. Pedro reinou 49 anos.

Homem extraordinário pelas suas virtudes, governou com sabedoria, prudência, bondade e, sobretudo, com imensa moralidade pública, honra e dignidade.

Em seu tempo apareceram homens de valor em tôda parte. A nossa Marinha de Guerra chegou a ser uma das primeiras do mundo e sempre foi dirigida por chefes admiráveis como o Almirante Tamandaré (Joaquim Marques Lisboa) — seu patrono; o Visconde de Inhaúma, o Almirante Barroso (Francisco Manoel Barroso da Silva), o Almirante Saldanha da Gama e o Barão de Jaceguai.

O Exército teve grandes generais como o Duque de Caxias, que é o seu patrono; o bravo General Manoel Luís Ozório; o General Tibúrcio, o General Câmara, o Conde de Pôrto Alegre, o General Gurjão, o Barão do Triunfo, o General Polidoro, o General Argôlo, os Marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto e muitos outros.

As artes e as ciências desenvolveram-se muito no tempo de Dom Pedro II. Apareceu Carlos Gomes, o glorioso autor de "O Guarani" e de "O Escravo", duas grandiosas óperas. Apareceram Victor Meirelles e Pedro

Américo, pintores de fama, além de Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varela e José de Alencar, que são dos maiores escritores e poetas do Brasil.

Tivemos o Visconde de Mauá, que foi um homem de muito valor, além de Rebouças e Paulo de Frontin, dois gênios da nossa engenharia.

A GUERRA DO PARAGUAI

Quando D. Pedro II reinava no Brasil, Solano Lopes era ditador no Paraguai — (ditador quer dizer que governa por si só sem ouvir o povo, sem se importar com as leis). Conforme dizíamos, Solano Lopes, que era ditador e fazia o que bem entendia, atacou o Brasil. Naquele tempo o Paraguai estava bem preparado pois que em segredo havia armazenado muito material e organizado um poderoso exército.

O Brasil, que não tinha desejos de conquista, possuía um pequeno exército apenas. Mas sempre foi governado por homens de honra e sempre teve soldados valentes que o defendessem. Foi o que sucedeu. O Brasil enviou logo os seus melhores marinheiros e soldados para enfrentar, corajosamente, o invasor.

Logo no princípio da guerra, Mato Grosso foi invadido e é nesse ataque que o glorioso Tenente Antônio

João, com 16 homens, enfrenta 220 e lhes dá combate. Mas Antônio João sabia que era impossível vencer e escreveu numa grande tabuleta: "Sei que morro mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria".

Solano Lopes atacou também a República Argentina e a República do Uruguai. Por isso, muitas vezes, as tropas desses países lutaram ao lado das nossas.

O Brasil ganhou extraordinárias batalhas. Ganhou a de Tuiuti sob o comando do General Osório no dia 24 de maio de 1862, as de Avaí, Itororó, Lomas Valentina e outras.

Em Itororó, o General Hilário de Gurjão desembainhou a espada, à frente de seus soldados e lhes disse: "Soldados, vêde como morre um general brasileiro!" E correu a tomar a ponte de Itororó. Em meio a essa caiu mortalmente ferido, mas os seus soldados passaram vitoriosamente.

O Brasil ganhou a maior batalha naval da América — a de Riachuelo, no dia 11 de junho de 1865, sob o comando do então chefe de divisão Francisco Manoel Barroso da Silva, o inesquecível Almirante Barroso. Dessa batalha memorável ficaram os nomes de Marcílio Dias, o valente marinheiro que, junto ao guarda-marinha

Guilherme Greenhalgh, morreu heróicamente defendendo a Bandeira, e o de muitos outros verdadeiros heróis.

Não devemos esquecer os que tomaram parte na retirada da Laguna. Essa retirada não foi uma derrota, e pode ser considerada como uma vitória, em que os brasileiros se sacrificaram até a última gota de sangue pelo Brasil. É uma história maravilhosa essa da retirada da Laguna e deve ser lida com amor, por todos os brasileiros. Ela foi escrita por um soldado valoroso que fez toda a campanha — o Visconde de Taunay.

Por fim o Brasil ganhou a guerra. As suas tropas entraram em Assunção, capital do Paraguai. Mas foi justamente nessa vitória que os nossos soldados provaram as suas qualidades morais, respeitando os lares dos seus inimigos e até os protegendo e amparando. O Brasil venceu o Paraguai mas não humilhou a nação Paraguaia, nossa irmã que também lutou brava e heróicamente, e que, por isso, merece toda a nossa admiração e respeito.

A ABOLIÇÃO

Foi ainda no reinado de D. Pedro II que, no dia 13 de maio de 1888, todos os pretos cativos ficaram livres por uma lei que se chamou Lei Áurea — que quer dizer

C. PAULA BARROS

lei de ouro, por ter sido tão boa, pois que todos os brasileiros desejavam que assim acontecesse.

D. Pedro, nessa época, estava em viagem. Por isso essa lei foi assinada pela Princesa D. Isabel sua filha, que ficara governando como regente. Daí chamar-se Isabel, a Redentora — isto é, que redimiu, que deu a liberdade aos cativos.

A REPÚBLICA

D. Pedro II era imperador mas tinha coração de republicano. No seu tempo havia completa liberdade de pensamento e, por essa razão, fêz-se, abertamente, a propaganda da república.

Benjamin Constant, que era professor na Escola Militar, foi o maior idealista da causa republicana, e com ele estiveram sempre Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Silva Jardim e muitos outros. No dia 15 de novembro de 1889, as nossas tropas, sob o comando do Marechal Deodoro da Fonseca, proclamaram a República. O Brasil deixou de ser um império para constituir uma república federativa, com o nome de República dos Estados Unidos do Brasil.

D. Pedro II teve que deixar o Governo e retirar-se com sua família para a Europa, onde, dois anos depois, morreu.



Embora tivesse deixado de ser imperador nunca se queixou de sua Pátria, bem pelo contrário, mandou buscar um pouco da terra do Brasil para servir-lhe de travesseiro depois de morto. Foi um exemplo das virtudes do povo brasileiro, e sua memória deve ser venerada como um dos maiores homens do Brasil.

O primeiro presidente da República foi o Marechal Deodoro que passou o Governo ao Marechal Floriano Peixoto em 1891. O Marechal Floriano foi um chefe valoroso. Homem de caráter, enérgico e cheio de verdadeiro patriotismo, mereceu o nobre apelido de "Marechal de Ferro".

Depois de Floriano Peixoto tivemos como presidentes da República, eleitos e substitutos, por ordem: Dr. Prudente de Moraes, Dr. Campos Sales, Dr. Rodrigues Alves, Dr. Afonso Pena, Dr. Nilo Peçanha, Marechal Hermes da Fonseca, Dr. Venceslau Braz, Dr. Delfim Moreira, Dr. Epitácio Pessoa, Dr. Artur Bernardes, Dr. Washington Luís Pereira de Souza, Dr. Getúlio Vargas, Dr. José Linhares, General Eurico Gaspar Dutra, Dr. Getúlio Vargas, Dr. João Café Filho e Dr. Nereu Ramos.

Atualmente é presidente da República o Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, eleito em 1955.

Foi na República que o Barão do Rio Branco se tornou uma figura admirável de patriota que merece e deve ser lembrada por todos os que pensam na grandeza

do Brasil. Ele resolveu a maioria das questões de limites com os nossos vizinhos, tudo por meios pacíficos.

Outros grandes homens da República foram: Osvaldo Cruz, que acabou com a febre amarela e a peste bubônica; Pereira Passos, que transformou o Rio de Janeiro; Olavo Bilac, o grande poeta do Hino da Bandeira; e Santos Dumont, o Pai da Aviação.

A propósito da aviação, devemos recordar os nomes do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o primeiro que fez um balão chamado — Passarola; por isso deram-lhe o apelido de "Padre Voador". Júlio Cesar Ribeiro de Souza, voluntário do Exército na Campanha do Paraguai, professor, poeta e engenheiro que construiu o balão Vitória, e Augusto Severo que subiu no balão Pax e nele morreu em Paris. Mas quem resolveu, de fato, a questão da aviação foi Santos Dumont que fez no mundo o primeiro aeroplano.

Na República o Brasil se tem desenvolvido sob tôdas as formas.

Pelo que ficou dito vemos que a nossa Pátria tem sido mantida com grandes sacrifícios, à custa de sangue e trabalho e, dêsse modo, todos os bons brasileiros se devem esforçar para vê-la ainda mais forte e mais bela,

C. PAULA BARROS

cheia de grandeza moral entre as maiores nações do mundo.

Só pelo trabalho, pela disciplina, pela ordem, pela educação do povo, pelo respeito às leis, chegaremos a êsses ideais, que são os da mais pura e mais nobre brasilidade — o verdadeiro amor ao Brasil!

do
a
s



O SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, do Departamento Nacional de Educação, editou este livro, que constitui o Volume II de uma BIBLIOTECA POPULAR para distribuição gratuita a egressos dos cursos de ensino supletivo.

TIRAGEM: 200.000 EXEMPLARES

Composto e impresso no Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — em Luza — Distrito Federal

IRE
32^o